
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



O Pensador (1880). Detalhe de capa de *Competências do pensamento histórico* (Schmidt; Sobanski, 2020) | Imagem: [Folha de São Paulo](#)

Habilidades historiadoras – Resenha de *Competências do pensamento histórico*, organizada por Maria Auxiliadora Schmidt e Adriane de Quadros Sobanski

Vanessa Ribeiro de Melo (SEMED-Lagarto/SE/UFS)

Resumo: *Competências do pensamento histórico (volume II)*, organizado por Maria Auxiliadora Schmidt e Adriane de Quadros Sobanski, publicado em 2020 pela W. A. Editores, apresenta capítulos sobre consciência, evidência, empatia e significância históricas, porém carece de maior articulação entre as competências. Destaca-se pela relevância teórico-metodológica e contribuição à formação docente.

Palavras-chave: pensamento histórico; ensino de História; educação histórica.

Competências do pensamento histórico (volume II) é uma obra organizada por Maria Auxiliadora Schmidt e Adriane de Quadros Sobanski, publicada em 2020, pela editora W. A. Editores. Livro do gênero acadêmico/didático-pedagógico, voltado à formação de professores e uma reflexão acerca do desenvolvimento do pensamento histórico no processo de ensino-aprendizagem da disciplina História.



As organizadoras Auxiliadora Schmidt e Adriane de Quadros são pesquisadoras com foco na Educação Histórica no Laboratório de Pesquisas em Educação Histórica (LAPEDUH), da Universidade Federal do Paraná. A publicação do livro, portanto, foi fruto das atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa e laboratório e faz parte da coleção Educação Histórica. A obra está estruturada em 11 capítulos, onde cada um deles conta com a contribuição escrita de um pesquisador.

O primeiro capítulo, redigido por Schmidt, apresenta a formação do pensamento histórico como um processo científico ligado às relações sociais e à linguagem. A consciência histórica dá sentido à experiência e orienta decisões. Com base em J. Rüsen, P. Lee, P. Seixas e C. Lévesque, a autora ressalta que o ensino de História deve articular vida prática e ciência. Ela propõe dez competências fundamentais: argumentação, significância, evidência, mudança, empatia, interpretação, explicação, motivação, orientação e experiência, fundamentais para construir uma compreensão crítica do passado.

O segundo capítulo, escrito por Marcelo Fronza, ainda se pauta sob a óptica de Rüsen e o autor declara que a sua argumentação se baseia na relação entre a ciência histórica e a vida prática e é desenvolvida a partir de uma aula histórica. De modo geral, o autor considera necessária uma formação histórica humanista de jovens e crianças. O autor argumenta que o pensamento histórico não deve ser restrito ao ambiente acadêmico, mas sim integrado à vida prática dos indivíduos. Ele enfatiza que a compreensão histórica é fundamental para as pessoas interpretarem o presente e projetarem o futuro de maneira crítica e consciente. Fronza destaca que a didática histórica tradicional se limita à transmissão do conhecimento de fatos e datas, sem promover uma reflexão profunda sobre os processos históricos, por isso propõe uma abordagem que valorize a análise crítica, a interpretação de fontes e a construção de narrativas significativas, que permitam entender o mundo e nele agir.

O terceiro capítulo, de Carla Silva, Claudio Souza e Sergio Scorsato, defende que os conceitos substantivos ultrapassam a sala de aula, sendo fundamentais para compreender o passado. Apoiam-se em Rüsen, Lee e Maria Auxiliadora Schmidt para explicar que esses conceitos – como revoluções, democracia e globalização – dão sentido histórico e estruturam a interpretação do passado. Já os conceitos de segunda ordem, como causalidade, mudança, continuidade, empatia e fontes, são categorias analíticas que desenvolvem o pensamento histórico. Os autores destacam que ambos devem ser ensinados de forma integrada, valorizando as narrativas e saberes prévios dos alunos. Assim, a História torna-se significativa, estimulando debates e a construção de uma consciência crítica.

O quarto capítulo, de João Bertolini, Thiago Miranda e Fábio dos Santos, analisa o conceito de evidência histórica com base em Lee, Ashby, Barca e Siman. Consideram-na essencial ao pensamento histórico, pois envolve interpretar criticamente fontes e reconhecer seus limites. Para os autores, evidência não é apenas dado, mas contexto e interpretação. O ensino deve capacitar alunos a questionar fontes e compreender múltiplas perspectivas. Assim, aprendem a investigar e construir conhecimento histórico de forma

ativa, crítica e prazerosa. O capítulo conclui que trabalhar com evidências, como conceito de segunda ordem, aprofunda a compreensão da História e sua relação com o presente.

Os três capítulos seguintes, escritos, respectivamente, por Cristina Ribas, Dioury Bueno, Geraldo Becker e Raffaella Nunes (5º), Rosi Terezinha e Rosângela Seger (6º) e Adriane Sobanski, Claudia Coramez e Solange Nascimento (7º), abordam competências fundamentais para o desenvolvimento dos alunos na formação do pensamento histórico. Em primeiro plano, o capítulo 5, dedicado à explicação histórica, aborda as maneiras pelas quais os alunos podem compreender e articular as causas e consequências dos acontecimentos históricos, uma vez que esse conceito de segunda ordem envolve a capacidade de identificar relações causais e contextuais, permitindo que os alunos construam narrativas explicativas para o passado de forma coesa. Tudo isso para que eles não apenas memorizem, mas, de fato, compreendam.

A interpretação histórica, abordada no capítulo 6, é trazida como uma competência ou conceito de segunda ordem, que permite aos alunos analisarem e compreenderem o passado, a partir de diversas perspectivas sobre o que aconteceu. Aqui, os autores enfatizam a necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade crítica que é importante, para incentivá-los a questionar fontes e considerar vários pontos de vista, assim criando uma visão mais ampla da História, na mesma medida em que percebe, tanto a pluralidade, quanto a complexidade das fontes.

O capítulo 7 aborda a argumentação histórica, explorando como os alunos podem se utilizar das evidências para sustentar as suas opiniões adquiridas com base nos conhecimentos históricos. Segundo os autores, a argumentação histórica envolve não só a capacidade de construir os argumentos, como o desenvolvimento de habilidades críticas dos estudantes.

O capítulo 8 foi escrito por Marlene Cainelli, que ela classifica a significância histórica como um conceito de segunda ordem, assim como fizeram os outros autores até então com os seus temas. Além disso, a autora destaca que este conceito está associado à argumentação histórica. Aqui, a autora aprofunda a compreensão da significância histórica, uma vez que esta é de extrema importância para o desenvolvimento do pensamento histórico, pois faz com que os estudantes atribuam valor ao passado, relacionando-o com o presente e protegendo-o no futuro. Cainelli destaca que a significância histórica está ligada à capacidade de selecionar e analisar eventos passados, utilizando critérios de relevância para interpretar o presente e orientar o futuro. Para que os sujeitos entendam a História, é preciso utilizar de diversos procedimentos que identifiquem os contextos e as fontes, analisem as intenções e busquem interpretações. Assim, com base nos pontos supracitados neste capítulo, entende-se que a significância histórica está intimamente ligada à consciência histórica, por ser compreendida como a capacidade de refletir sobre o passado no que diz respeito às suas implicações identitárias e às ações do mundo. Por isso, é importante que essa competência esteja presente no ensino de História, capacitando os estudantes a fazerem uma reflexão aprofundada e fundamentada sobre ela, como já pontuado anteriormente.

O capítulo 9 foi escrito por Luiza Gusmão e Nikita Sukow e discute, a partir da análise documental e de reflexões teóricas, diferentes possibilidades de pensar a temporalidade e a orientação temporal em aulas de História. A priori, as autoras defendem que ensinar História não é somente transmitir os fatos e acontecimentos, mas também proporcionar que os alunos consigam compreendê-los de maneira profunda e crítica. As autoras ainda defendem que, em torno do processo de ensino-aprendizagem, a orientação histórica também é uma metodologia. Gusmão e Sukow afirmam que a orientação temporal, nesta

perspectiva, pode contribuir para uma aprendizagem histórica ancorada nas questões e necessidades da vida prática do estudante, contribuindo para a formação de suas identidades e para a sua autorização no tempo.

O capítulo 10, escrito por Geysa Dongley Germinari, tem como intenção refletir acerca do conceito de empatia histórica e sua relação com o ensino e aprendizagem da História. O autor apresenta uma breve análise teórica do conceito de empatia histórica e depois traça as possibilidades e limites desses conceitos de segunda ordem no processo de ensino-aprendizagem de História no âmbito escolar. Germinari conceitua empatia histórica como a capacidade de compreender e se colocar no lugar das pessoas do passado, levando em consideração fatores que envolvem o momento histórico em que viveram. Esta consiste, ainda, em tentar compreender o que motivou as ações das pessoas naquele momento. Além disso, dentro do ensino de História, o professor é importante porque cria oportunidades para que os alunos se envolvam com o passado.

Por fim, o último capítulo, de Luciano Azambuja, responde como as narrativas estruturam o entendimento sobre o tempo e a História, refletindo sobre a conexão entre tempo, memória e construção do passado. O autor explora a interrelação entre os diferentes tipos de narrativa e, ao fazer isso, oferece uma visão da construção da história, tanto nas salas de aulas quanto na vida cotidiana dos indivíduos. Desta forma, o capítulo é uma reflexão provocativa sobre como o historiador deve agir em relação ao passado, especialmente no que se refere à seleção e interpretação.

Com pontos problemáticos deste livro, destaco a repetição de algumas declarações de teoria ao longo dos capítulos, a predominância de uma abordagem fortemente conceitual em detrimento de análises empíricas de práticas docentes, e a ausência de uma discussão mais ampla sobre inclusão, diversidade e perspectivas decoloniais no ensino de História. Em termos positivos, o livro apresenta uma sólida fundamentação teórica ancorada em autores centrais da Educação Histórica, a clareza na sistematização dos conceitos de segunda ordem e a importante contribuição para o fortalecimento das pesquisas brasileiras voltadas à formação do pensamento histórico e à profissionalização docente.

Em suma, esta obra traz uma abordagem fiel ao seu título, uma vez que todos os seus capítulos juntos apresentam as competências necessárias para a formação do pensamento histórico. Cada um deles foi adequadamente explicado pelos seus autores, como resultado das pesquisas feitas no LAPEDUH. Assim, urge a necessidade de expor a importância que este livro possui para as pesquisas em torno do ensino de História que tem como o objetivo a construção do pensamento histórico de estudantes.

Referências

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; SOBANSKI, Adriane de Quadros (orgs.). *Competências do Pensamento Histórico*. Curitiba: W W S, 2020. 217 p. V.2.

Sumário de *Competências do Pensamento Histórico (V. 2)*

1. Por que o Pensamento Histórico? | Maria Auxiliadora Schmidt
2. Relação entre Pensamento Histórico e Vida Prática | Marcelo Fronza
3. Conceitos substantivos e formação do pensamento histórico | Carla G. Silva, Claudio A. Souza e Sergio A. Scorsato
4. Evidência | João da Silva Bertolini, Thiago de Carvalho Miranda e Fábio Aparecido dos Santos
5. Explicação histórica | Cristina Elena Taborda Ribas, Dioury de Andrade Bueno, Geraldo Becker e Rafaella Baptista Nunes.
6. Interpretação histórica | Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd e Rosangela Gehrke
7. Argumentação histórica | Adriane de Quadros Sobanski, Claudia Caraméz e Solange Nascimento
8. Significância histórica | Marlene Cainelli
9. Orientação temporal | Leslie Luiza Pereira Gusmão e Nikita Mary Sukow
10. Empatia histórica | Geyso Dongley Germinari
11. Narrativa histórica, narrativa de vida e protonarrativa: passado, presente, futuro | Luciano de Azambuja

Resenhista



Vanessa Ribeiro de Melo é mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Educação Especial e Inclusiva pelo Instituto Facuminas EAD Ltda (Facuminas) e graduada em História pela UFS. É professora do quadro da Secretaria Municipal de Educação de Lagarto/SE. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9128919937445076>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3269-2967>; E-mail: vanessaribeiro020121@gmail.com.

Para citar esta resenha

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; SOBANSKI, Adriane de Quadros (orgs.). *Competências do Pensamento Histórico*. Curitiba: WWS, 2020. 217 p. V.2. Resenha de: MELO, Vanessa Ribeiro. Habilidades historiadoras. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 25-29, set./out., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).